

A COMIDA COMO ELEMENTO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA SOCIEDADE REPRESENTADA NO ROMANCE *O TEMPO E O VENTO* DE ÉRICO VERÍSSIMO¹

FOOD AS AN ELEMENT IN THE CONSTRUCTION OF SOCIETY'S IDENTITY AS REPRESENTED IN THE NOVEL *O TEMPO E O VENTO* (THE TIME AND THE WIND) BY ÉRICO VERÍSSIMO

KELLY LAMEIRO RODRIGUES

Universidade Federal de Pelotas

lameirok@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3095-5794>

CARMEN SOARES

CECH - Universidade de Coimbra

cilsoares@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3005-4635>

RESUMO

O Tempo e o Vento, escrito por Érico Veríssimo (Brasil, 1905-1975), é uma trilogia formada pelas obras *O Continente*, *O Retrato* e *O Arquipélago*, publicadas entre 1949 e 1962, e que conta a trajetória da

1 Estudo desenvolvido no âmbito do pós-doutoramento de Kelly Lameiro Rodrigues na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (2023-2024), sob orientação de Carmen Soares.

família Terra Cambará durante 150 anos da história do Rio Grande do Sul e do Brasil. A nossa análise incide em dois títulos dessa trilogia: *O Continente* (volumes 1 e 2) e *O Retrato* (volume 1). Questiona-se, neste estudo, qual o contributo das práticas alimentares descritas nas obras para a construção da sociedade aí retratada, sendo que os objetivos são: identificar as práticas alimentares representadas e analisar como as mesmas influenciaram na construção da identidade da sociedade retratada nos romances. Este trabalho de investigação está estruturado em quatro partes. As duas primeiras correspondem, respectivamente, à introdução da proposta de estudo e a uma breve apresentação literária do romance. Nas terceira e quarta partes, discutimos a importância do consumo de carne como marca identitária dessa sociedade e estabelecemos o contraponto frente à introdução de novas práticas alimentares, de onde se extraem algumas considerações finais. A metodologia utilizou a investigação em referencial bibliográfico disponível sobre o tema. Da análise feita, concluiu-se que as práticas alimentares descritas contribuíram para a construção da identidade da sociedade retratada, sendo a criação de animais e o consumo de carne fortes marcas identitárias. Ademais, a tentativa de introdução de alimentos elitizados mostrou que os mesmos não foram reconhecidos como comida, contraponto que reforçou a afirmação da cultura alimentar local como marca identitária.

PALAVRAS-CHAVE:

Cultura alimentar, identidade alimentar, Érico Veríssimo, literatura brasileira, carne.

ABSTRACT

The *Time and the Wind*, written by Érico Veríssimo (Brazil, 1905–1975), is a trilogy formed by *The Continent*, *The Portrait* and *The Archipelago*, published between 1949 and 1962 and tells the Terra Cambará family trajectory during 150 years of the history of Rio Grande do Sul and Brazil. Our analysis focuses on two books in the trilogy: *The Continent* (volumes 1 and 2) and *The Portrait* (volume 1). In this study, the question is what contribution the dietary practices make to the construction of the society portrayed in the novels. The aims are identifying the dietary

practices and analyzing how they influenced the identity construction of the society portrayed in the novels. This research work is structured into four parts. The first corresponds to the introduction of the study proposal and the second to a brief novel literary presentation. In the third and fourth parts, we discuss the importance of meat consumption as an identity mark of this society and establish a counterpoint to the introduction of new eating practices, and conclude with final considerations. The methodology used a bibliographic survey available about the topic. It was concluded that the eating practices described contributed to the identity construction of the society portrayed, with animal husbandry and meat consumption being strong identity marks. Also, the attempt to introduce elite foods showed that they were not recognized as food, a counterpoint that reinforced the local food culture affirmation as an identity mark.

KEYWORDS:

Food culture, food identity, Érico Veríssimo, Brazilian literature, meat.

Introdução

Érico Veríssimo (1905-1975) é um dos mais proeminentes autores brasileiros do século XX. Entre as obras que escreveu, destaca-se *O Tempo e o Vento*, um romance histórico que acompanha a família Terra Cambará por mais de 150 anos, com sua trajetória sendo permeada por importantes fatos históricos ocorridos não só no estado do Rio Grande do Sul, como no Brasil e em outras partes do mundo. Ao retratar a história do estado e a sua formação, o romance se mostra como uma fonte de pesquisa literária para os estudos de alimentação. Segundo Braga,² pode-se utilizar fontes literárias para conhecer de uma melhor forma como era a alimentação e a comensalidade no passado, pois “quando as personagens são apresentadas de forma coerente e verossímil, os seus comportamentos e opções podem considerar-se credíveis”. Considerando que a questão da construção da identidade de diversos povos tem a alimentação como um dos elementos

2 Braga 2023:168.

centrais,³ formulamos a seguinte pergunta de investigação: qual o contributo do retrato das práticas alimentares descritas para a construção da sociedade representada nas obras sob análise?

Nestes seus romances, Érico Veríssimo tende a registrar elementos que são recorrentes no discurso do gaúcho, como o caráter fronteiriço, as muitas guerras em que o estado esteve envolvido e a autenticidade de costumes.⁴ Além disso, encontram-se ao longo da obra referências às práticas alimentares e à forma como os alimentos eram produzidos e/ou cultivados, com ênfase na criação de animais, no abate e no consumo de carne, elementos que nos levam a destacar como essas práticas foram determinantes para a construção da identidade da sociedade representada.

A comida está presente em diversas obras literárias e não apenas em obras que são de natureza explicitamente culinária, o que nos permite analisá-la como um elemento em torno do qual ocorre a construção de relações e comunidades. Porque “pode desempenhar inúmeras funções dentro de um texto, portanto, uma análise concentrada em seus diversos papéis pode abrir possibilidades interessantes de leitura de obras literárias”⁵. A análise da representação de comida e de práticas alimentares em obras literárias reveste-se, naquilo que é a criação de um universo narrativo verossimilhante, da função de demonstrar como esses aspectos configuram a própria identidade e evolução por que passa, ao longo do tempo, a sociedade que está sendo descrita. Pode-se igualmente estudar a alimentação na literatura explorando os valores simbólicos que lhe estão associados, pois

Alimentos e modos de agir em seu torno constituem signos e gramática para exprimir uma mundividência e para construir fórmulas de intervenção no mundo e de validação da segurança proporcionada pelo esquema interpretativo que traz coerência ao mundo que rodeia o ser humano, porque proporcionam esquemas prévios de ordem e de controle sobre a natureza.⁶

3 Rocha 2010.

4 Marcon e Arendt 2019.

5 Baučėková 2014: 35.

6 Dias 2022: 332.

Ainda, “há que considerar que o texto literário, tal como a pintura, por exemplo, fala das verdades do simbólico, ou seja, da realidade do imaginário de um determinado tempo, deste real construído pela percepção dos homens, e que toma o lugar do *real concreto*”⁷. Ao representar mais do que uma atividade biológica indispensável à vida, a alimentação também mostra sua dimensão cultural, onde “os alimentos carregam significados, são portadores de imagens simbólicas, representam comportamentos coletivamente imaginados que permitem entender a alimentação como uma verdadeira linguagem.”⁸

Alguns estudos analisam a alimentação e sua representação simbólica em obras literárias, como a estética alimentar na obra de Eça de Queirós, escritor que percebia a alimentação como importante fenômeno cultural e sociológico,⁹ ou como as obras de Agatha Christie, onde a natureza contraditória da alimentação é manifestada.¹⁰ Outros “estudos de caso” aplicados a textos literários portugueses relevantes da riqueza da chave interpretativa alimentar são, por um lado, as pesquisas realizadas a respeito da obra dramática *o Auto das Regateiras* de António Ribeiro Chiado, incidindo sobre o léxico alimentar,¹¹ pelo outro a análise da obra literária de Irene Lisboa, buscando o entendimento de como viviam as pessoas menos favorecidas durante o período ditatorial em Portugal.¹²

A comida representada nas mais diversas obras literárias mostra a importância do alimento para além da sua função biológica. A alimentação é uma necessidade básica, um direito humano. Porém, alimentar-se não representa apenas a oferta de elementos nutritivos fundamentais ao nosso organismo. Alimentar-se é um ato social e, como toda relação entre pessoas, propicia o convívio, bem como o reconhecimento de igualdades e diferenças. Além da identidade individual, os padrões alimentares de um grupo sustentam a identidade coletiva, posição na hierarquia e na organização social, onde a comida apresenta um papel central na construção e expressão da identidade. A relação da humanidade com a comida é complexa, sendo entendida por

7 Pesavento 2003: 40.

8 Peixinho 2016: 200.

9 Modesto e Berrini: 2014; Peixinho 2016.

10 Baučėková 2014.

11 Cândido 2020.

12 Braga 2023.

meio de duas dimensões. Uma dimensão que abrange da função biológica à cultural e da função nutricional à simbólica, e a dimensão que liga o indivíduo ao coletivo, da função psicológica à social.¹³ As referências alimentares, que são objeto de estudo desta investigação, podem ser indicadoras e reveladoras de uma mentalidade que se representa em texto literário. Sendo “memória da história de um povo, a alimentação fala pela sua própria simbólica, pela presença ou ausência de certos alimentos, pela forma como estes são ingeridos ou cozinhados”.¹⁴ Dentro do papel da alimentação no estabelecimento de identidades, Feliciano,¹⁵ a propósito das chamadas cozinhas regionais do Brasil, chama a atenção para a importância das divisões geopolíticas na formação dessas identidades. Também a abordagem de Soares,¹⁶ ao propor a distinção entre as categorias narrativas da “cozinha dos territórios” em nacional, regional e local, se revela bastante útil para a compreensão de como as representações de identidades alimentares coletivas podem configurar dimensões culturais de incidência geopolítica distinta.

Diante deste contexto, os objetivos do nosso estudo são, primeiramente, identificar as práticas alimentares presentes nas obras selecionadas da trilogia *O Tempo e o Vento*. E, posteriormente, analisar como as mesmas influenciaram na construção da identidade da sociedade retratada no romance. Seguiu-se como metodologia a investigação em referencial bibliográfico disponível sobre o tema. Foi realizada a leitura de todos os volumes da obra, mas, para este estudo, foram utilizados os livros *O Continente* (volumes 1 e 2) e *O Retrato* (volume 1), pois eram os volumes que detinham a maior parte das referências alimentares de interesse, permitindo uma análise agregadora dos seus sentidos.

2. *O Tempo e o Vento*: romance histórico e seu enredo

O Tempo e o Vento é um romance histórico dividido em três partes: *O Continente* (volumes 1 e 2), *O Retrato* (volumes 1 e 2) e *O Arquipélago*

13 Fischler 1988.

14 Palla 2010: 16.

15 Feliciano 2018.

16 Soares 2018: 166-168.

(volumes 1, 2 e 3), publicados entre os anos de 1949 e 1962. As personagens históricas, quando presentes, apenas fazem parte do pano de fundo da narrativa, ao passo que os detalhes históricos contemplados na narrativa conferem veracidade a esse universo, e o narrador geralmente está em terceira pessoa.¹⁷ Para Ribeiro, “uma das características fundamentais para a existência dos romances históricos é a utilização de dados verídicos para a constituição ambiente”.¹⁸ O que mais importa é a repercussão e reação que o fato histórico provoca na sociedade retratada na obra e não o fato histórico em si. Sendo assim, as personagens principais devem ser ficcionais e não históricas, com seu destino ligado aos acontecimentos históricos.¹⁹ Ribeiro sublinha, dentro dessa mesma linha interpretativa, que os “romances históricos nos ajudam a entendermos os processos e os motivos pelos quais certas coisas no presente acontecem de determinada maneira”.²⁰ Portanto, ao analisar um romance histórico, pode-se ter o entendimento de como a realidade do passado de certa forma moldou o tempo, o espaço e as mentalidades da sociedade que está sendo retratada na obra.

O romance apresenta uma estrutura multi-temporal, com uma narrativa não-linear, sendo dividido em capítulos, nos quais passado e presente estão em constante conexão, não seguindo uma ordem cronológica.²¹ O romance que conta a trajetória da família Terra Cambará ao longo das gerações retrata diversas guerras e revoluções ocorridas no Brasil e no Rio Grande do Sul, e que acabaram por influenciar na divisão das classes sociais e na formação da sociedade representada na obra. Porém, percebe-se o foco nas pessoas, principalmente nas mulheres, que, não participando nas batalhas, tinham a tarefa de cuidar da casa, dos filhos e esperar pelos homens ausentes. O ambiente doméstico agrega um contexto narrativo onde a representação do universo alimentar ganha destaque, tanto na produção dos alimentos como nas formas de seu consumo.

Na primeira parte do romance *O Continente* (vol. I), encontram-se, entre outras personagens, Capitão Rodrigo Severo Cambará e Bibiana

17 Lukács apud Baumgarten, 2001: 76.

18 Ribeiro 2009: 74.

19 Lukács 2011.

20 Ribeiro 2009: 80.

21 Werlang 2011.

Terra, casal que dá origem à família Terra Cambará, sendo Bibiana neta de Ana Terra e de Pedro Missioneiro.²² Seguindo a saga da família Terra Cambará, *O Retrato* confere protagonismo a Rodrigo Terra Cambará, bisneto do Capitão Rodrigo, com a narrativa passando-se na virada do século XIX para o século XX. Doutor Rodrigo Cambará, agora graduado em Medicina, volta a Santa Fé para exercer a profissão, ao mesmo tempo que inicia sua trajetória na vida política. Rodrigo quer modernizar a cidade por meio da valorização de diversas formas de cultura, da moda e também da comida, partindo, naturalmente, de seu ponto de vista, que é o da classe dominante. E por último, em *O Arquipélago*, Rodrigo Terra Cambará já velho e doente, retorna à Santa Fé, onde terá o ajuste de contas com seu filho Floriano, escritor que está prestes a iniciar o romance mais importante da sua vida, que será o próprio *O Tempo e o Vento*.

3. A criação de gado e o consumo de carne como marcadores identitários

A partir da história da família Terra, no capítulo *Ana Terra*,²³ identifica-se o quanto as dificuldades geográficas e o desbravamento das terras refletiram na construção da identidade local da sociedade retratada no romance. A família de Ana Terra mudou-se de São Paulo para o Continente de São Pedro, pois o pai, Maneco Terra, sempre tivera esse sonho, estimulado pela ideia de que as terras do sul e o clima da região eram bons, e onde, consequentemente, teriam um futuro promissor.

As dificuldades no desbravamento da terra, a distância geográfica de centros mais desenvolvidos à época, o fato de ser uma região marcada por conflitos, por fazer fronteira com regiões de colonização espanhola (onde era constante a disputa de terras entre portugueses e espanhóis) e a rotina da criação de animais deixaram traços identitários nos habitantes locais. O comportamento rústico e brutalizado - onde existia pouco ou nenhum espaço para o conforto, para a alegria e para a apreciação artística, como

²² Pedro era filho de uma indígena e de um bandeirante paulista, como indica a árvore genealógica da família Terra Cambará (*O Continente* vol. I: 14).

²³ *O Continente* vol. I: 84-159.

música e dança – vem sugerido na narrativa como uma marca que o território imprimiu nas gentes. Veja-se, a título de exemplo esclarecedor, o trecho (itálico nosso):

E, quanto mais o tempo passava, mais o marido e os filhos iam ficando como bichos naquela lida braba – carneando gado, curando bicheira, laçando, domando, virando terra, plantando, colhendo e de vez em quando brigando de espingarda na mão contra índios, feras e bandidos. *Parecia que a terra ia se entranhando não só na pele como também na alma deles.* Andavam com as mãos encardidas, cheias de talhos e calos. Maneco à noite deitava-se sem mudar a camisa, que cheirava à suor, a sangue e a carne crua. Naquela casa nunca entrava nenhuma alegria, nunca se ouvia uma música e ninguém pensava em divertimento.²⁴

Pode-se assumir que o ambiente contribuía para o modo de ser e para o comportamento destas personagens. Essa é, aliás, uma marca identitária que quem vem de fora destaca na caracterização que faz dos moradores locais. Anos mais tarde, Carl Winter, médico alemão que vivia em Santa Fé, vindo de um lugar mais desenvolvido à época, nas suas cartas definia a população de Santa Fé como “não civilizada”. Dessa representação citamos o trecho abaixo, incluído em carta dirigida a compatriota amigo (itálico nosso):

A paisagem era civilizada, mas os homens não. Tinham rudes almas sem complexidade, e eram movidos por paixões primárias. *A lida dos campos e das fazendas tornava-os ásperos e agressivos.* Lidar com os potros bravos, curar bicheiras, sangrar e carnear o gado, laçar, fazer tropas – eram atividades violentas que exigiam fortaleza não só de corpo como também de espírito.²⁵

Ainda nessa mesma carta, bem como noutras, Carl Winter faz referência às muitas guerras e revoluções nas quais os Continentinos, como

24 O Continente vol. I: 89.

25 O Continente vol. II: 347.

eram chamados os habitantes do Continente de São Pedro no romance,²⁶ participavam e que influenciaram na forma como a sociedade retratada foi sendo estruturada, permeada por um constante sentimento de instabilidade, pois nunca sabiam quando teriam que participar de outra guerra e/ou revolução. Ao nosso tópico de investigação interessa sobretudo destacar que as mulheres estavam afastadas do campo de batalha e confinadas ao papel de guardiãs da vida doméstica e da produtividade alimentar dos campos cultivados e dos animais criados; não tinham muitos direitos e suas vidas eram restritas à essas reponsabilidades, como destaca o trecho:

Entretanto o destino das mulheres naquele fim de mundo era bem melancólico. Não tinham muitos direitos e arcavam com quase todas as responsabilidades. Sua missão era ter filhos, criá-los, tomar conta da casa, cozinhar, lavar, coser e esperar.²⁷

Em relação à alimentação como um elemento constitutivo da identidade, decidimos centrar a nossa análise na carne, por ser a componente alimentar (tanto na perspectiva da produção como do consumo) que mais visibilidade tem nas obras sob análise. Retratando ambientes de elevada exigência de esforço humano, compreende-se esse protagonismo. A carne, enquanto elemento constitutivo da identidade da sociedade retratada na obra, atende às funções biológicas, mas também sociais e simbólicas. Seu consumo ultrapassa a função biológica, mostrando que é uma condição histórico-social, afetado por um legado de tradições que apresentam bases biológicas e culturais.²⁸ As representações simbólicas da carne estão fortemente presentes, atuam na compreensão da realidade e orientam práticas e comportamentos que são atribuídos às representações sociais.²⁹ A relevância desse alimento em sociedades que tradicionalmente são produtoras de carne deve ser entendida como resultado da própria circunstância de terem desenvolvido uma cultura de valorização do consumo de carne.³⁰

26 O atual estado do Rio Grande do Sul chamava-se Continente do Rio Grande de São Pedro no século XVIII.

27 *O Continente* vol. II: 347.

28 Ribeiro 2013; Leroy 2015.

29 Barros 2012.

30 Milford 2019.

Em termos concretos das obras sob análise, verificamos que a carne surge várias vezes como um alimento associado à força, e que a criação dos animais era vista como um trabalho mais importante do que cultivar as lavouras, conforme ilustra a seguinte fala da personagem Ricardo Amaral (itálico nosso):

Estava claro que a lavoura também era importante, mas não tanto quanto como o gado. *A carne vossa mercê sabe, é o alimento mais importante pra nossa gente.* E enquanto houver abundância de carne tudo está bem. Porque ninguém vive só de pão, mas só de carne pode viver. E se tivermos carne, teremos charque, e as nossas charqueadas só podem ir pra frente. Temos ainda o negócio e couros, os chifres, etc. Mais ainda, general, na guerra não vamos alimentar nossa gente com trigo, milho ou feijão. O que nos vale numa campanha é o boi.³¹

Percebemos da ênfase colocada no romance sobre o trabalho e o próprio consumo de carne o efeito de servir de marcador identitário da população retratada. Mas também se percebe, na representação do trabalho com os animais, um trabalho pesado e brutalizado (que incluía curar bicheiras e outras doenças, marcar e abater o gado, carnear), um significado sociocultural de supremacia do sexo masculino. Essas atividades eram consideradas de “macho”, de homens fortes e corajosos numa sociedade patriarcal e machista, como observa-se no trecho (itálico nosso):

O código de honra daqueles homens possuía um nítido sabor espanhol. Falavam muito em honra. *No fim de contas o que realmente importava para eles era “ser macho”.* Outra preocupação dominante era a de “não ser corno”. *Não levar desaforo para casa, saber montar bem e ter tomado parte pelo menos numa guerra eram as glórias supremas daquela gente meio bárbara que ainda bebia água em guampa de boi.*³²

31 O *Continente* vol. I: 140.

32 O *Continente* vol. II: 348.

Metaforicamente, essa associação entre a carne e a força exprime o quanto os Continentinos se reconheciam como homens fortes sempre dispostos a lutar. Passando por diversos períodos históricos, a carne revela a sua importância simbólica, simbolismo intensificado pelas práticas de sacrifícios durante séculos e pela atividade da caça. Além disso, representa um lugar de privilégio social e de luxuosidade e, como alimento tradicional nos séculos XIX e XX, o seu consumo continua sendo um critério essencial para determinação do nível de vida.³³ A relação entre carne e força, e como elemento de representação do que é selvagem, não está apenas ligada à caça, mas também à criação de animais domésticos:

O binómio caça-recoleção (= selvagem, natural) deveria opor-se ao binómio criação de gado-agricultura (= doméstico, artificial). Assim é em muitos casos; mas, no fim de contas, prevalece a assimilação da criação de gado à caça, devido à contiguidade física destas actividades, ambas praticadas em terras incultas como florestas, matagais, pastagens naturais: é sobretudo por esta razão que a carne – proveniente de animais domésticos ou, com muito mais razão, da caça – tem, no plano cultural, uma forte conotação “selvagem”, que reforça a sua identificação como alimento dos povos “bárbaros”.³⁴

Em termos históricos, importa salientar que a carne já era um alimento consumido no Brasil antes da colonização. “O indígena era essencialmente caçador”,³⁵ e a chegada dos europeus trouxe muitas mudanças, onde “o gado bovino foi promovido à caça ambicionada” e “ovelhas, cabras, carneiro, porcos, trouxeram sabores procurados.”³⁶ Os indígenas coletavam os animais para seu consumo, sem utilizá-los com objetivos reprodutivos. Coube ao colonizador o desenvolvimento de raças domesticadas, como os bovinos, formados por raças como a alentejana e galega, e os caprinos,

33 Montanari 2008: 261-278.

34 Montanari 2008: 94.

35 Cascudo 2023: 184.

36 Cascudo 2023: 185.

ovinos e suínos também formados por raças ibéricas e outras.³⁷ De fato, no período colonial a principal atividade do sul do país era a criação de gado. A carne, como principal produto alimentar, atendia à demanda local e a forma de consumo era por meio de assar em grandes pedaços distantes do fogo, com a gordura servindo de tempero, sendo essa uma técnica de cocção identificada por vários estudiosos como sendo de origem indígena.³⁸

O próprio nome pelo qual hoje se designam genericamente os habitantes do Rio Grande do Sul, “gaúcho”, tem sua origem associada à cultura de criação de gado, a pecuária. A palavra gaúcho sofreu uma mudança semântica importante ao longo dos séculos, que sintetizamos, pois permite compreender melhor o relevo histórico da produção e consumo de carne como marcador identitário da população retratada nas obras sob análise. Inicialmente utilizava-se a palavra “gaudério”, de sentido pejorativo, aplicada aos tropeiros, que vivendo de forma nômade, eram considerados vadios. Com o passar do tempo, os tropeiros passaram a fixar-se nas terras, o termo mudou a grafia para “gaúcho”, mantendo ainda o sentido pejorativo. Apenas no século XIX o termo é ressignificado positivamente, confirmando-se como a representação da identidade do estado do Rio Grande do Sul.³⁹ Na descrição que fazem do que chamam de “mito do gaúcho”,⁴⁰ os autores referem como características básicas desse “tipo” tanto a rudeza, bravura e coragem, como também a gentileza, a prontidão e a disponibilidade para lutar e o amor à terra. Na nossa análise pudemos verificar que essas características aparecem em diversos personagens da obra, como na figura do Capitão Rodrigo, que representa o “mito do gaúcho”, um homem forte, rude e corajoso, mas que sabe ser gentil. Uma figura carismática e de caráter impulsivo, como explica nas suas próprias palavras: “Não tenho meias medidas. Ou é oito ou oitenta”.⁴¹ Essa mesma representação surge na visão que dele apresenta o seu cunhado Juvenal: “Era estabanado, esquentado, e onde estivesse sempre havia perigo de barulho. Não tinha meio-termo:

37 Dória 2021: 103.

38 Silva 2005, apud Ribeiro 2013: 429.

39 Oliven 1993, apud Freitas e Silveira, 2004: 269-270.

40 Freitas e Silveira 2004: 268.

41 *O Continente* vol. I: 172.

com ele era risada ou choro, beijo ou bofetada, festa ou velório”.⁴² Faz amigos e inimigos com a mesma facilidade, e está sempre preparado para a guerra, a qual até associa à diversão, em palavras onde sobressai de novo a preponderância da identidade masculina associada aos conflitos: “Por que a guerra é divertimento de homem. Sem uma guerrinha de vez em quando ficava tudo muito enjoado”.⁴³

Num romance onde o confronto cultural se materializa pela construção de personagens contrastantes, o leitor encontra no alemão Carl Winter o porta-voz da visão europeia “civilizada”. Nesta, os alimentos/artes produtivas associadas que servem de marcadores distintivos de civilização são outros. Como destaca o médico, os Continentinos ainda não tinham desenvolvido técnicas mais avançadas para o cultivo das lavouras e também não tinham habilidade e conhecimento para produzir bons vinhos e pães, conforme trecho abaixo (itálico nosso):

Os lavradores daquela província só agora começavam a conhecer e usar o arado bíblico. E ninguém ali – suprema medida duma civilização! – sabia fazer bom pão e vinho. *Tratava-se positivamente de uma sociedade tosca e carnívora, que cheirava a sebo frio, suor de cavalo e cigarro de palha.*⁴⁴

As sociedades ditas “civilizadas” tinham como elemento do desenvolvimento o domínio da produção e consumo de pão e vinho, além do domínio da agricultura. Pão e vinho são produtos culturais e, portanto, vistos como símbolos de civilização, uma vez que vão para além da coleta e da caça.⁴⁵

Voltando ao capítulo *Ana Terra*⁴⁶, com a chegada de Pedro Missioneiro na casa da família Terra, observa-se um contraponto interessante. Pedro era considerado um “selvagem”, uma pessoa não civilizada, porém vem representado na história do romance como mais instruído do que qualquer

42 *O Continente* vol. I: 283.

43 *O Continente*, vol. I: 252.

44 *O Continente* vol. II: 348.

45 Montanari 1998. Sobre a referência ao pão e vinho como marcadores de diferença cultural, feita em fontes escritas da Antiguidade e de escritores portugueses sobre os primeiros contatos com povos de territórios colonizados, veja Soares, 2014.

46 *O Continente* vol. I: 84-159.

outro membro dos Terra. Pedro contava histórias, sabia ler, tocar flauta, e manejar o forno de barro, atividades que aprendeu com os padres jesuítas nas Missões. Pedro constrói um forno de barro, onde modela pratos de argila que entrega à Ana para que substituísse os rústicos pratos de pó de pedra que a família utilizava para fazer suas refeições,⁴⁷ o que evidencia a rusticidade dos hábitos em torno da mesa, pois nem mesmo pratos adequados a família tinha para fazer suas refeições.

4. Delicadezas civilizadas da cozinha francesa e brutalidades da cozinha campeira: identidades alimentares em confronto

No segundo romance da trilogia, *O Retrato*, assiste-se ao retorno a Santa Fé do Doutor Rodrigo, neto de Capitão Rodrigo e de Bibiana, após ter finalizado a Faculdade de Medicina em Porto Alegre. Os anos fora da terra natal expandiram os horizontes de Rodrigo, agora um homem graduado e viajado, apreciador de diferentes formas de expressão cultural, que entra em contradição com a sua origem. Como já ficou evidente da análise atrás apresentada d'*O Continente*, para os gaúchos retratados na obra, os homens eram valorizados pelas suas características de bravura, coragem, capacidade de trabalhar com os animais e de participar das constantes guerras e revoluções. Mas o Rodrigo que regressa a Santa Fé está agora distante desse modelo. E assim os demais membros da família e amigos não consideravam que ele fizesse mais jus à essas características fundamentais ao modo de ser e de agir do homem gaúcho.

Rodrigo tinha desenvolvido o gosto pela arte, pela decoração e apreciava uma casa com conforto, além de ter expandido seus hábitos alimentares. Mas esses eram luxos que os Continentinos não identificavam como importantes, já que para si representavam o contrário do seu padrão de vida e valores. Ficara bem clara, já na primeira obra da trilogia, a contraposição do “ser macho” próprio das tradições locais diante da “efeminação” de costumes novos, promotores da apreciação artística, conforme decorre do trecho abaixo, atribuído à Carl Winter, em uma de suas cartas:

47 *O Continente* vol. I: 96.

Os “homens machos” da Província de São Pedro pareciam achar que toda preocupação artística era, além de inútil, efeminada e por isso olhavam com repugnada desconfiança para os que se preocupavam com poesia, pintura ou certo tipo de música que não fossem toadas monótonas de seus gaiteiros e violeiros⁴⁸.

Rodrigo queria modernizar Santa Fé, queria que o lugar pudesse oferecer melhores condições de vida e de acesso a saúde e a cultura aos seus habitantes. Importante observar que essa vontade de promover a mudança nos hábitos alimentares é pensada do ponto de vista da elite, representada por Rodrigo, e mais evidenciada em relação aos amigos e família. A alimentação surge na narrativa como um meio ao serviço dessa modernização, que passava pela introdução de novos alimentos, conhecidos da personagem graças às suas vivências cosmopolitas. Mas a modernização alimentar circunscrevia-se, tanto por razões de custo como de acostumação do paladar, às elites económicas e sociais. Na verdade, eram comidas extremamente elitizadas e distantes da realidade daquela população, na sua maioria importadas de outros países e sujeitas a padrões desconhecidos no sabor e na forma de serem degustadas. No trecho abaixo destacado, evidencia-se como Rodrigo, com o seu apreço e conhecimento das novas iguarias europeias, afirma a sua distinção social relativamente ao amigo Chiru. Este, ignorante de tais “delícias”, é apelidado de “animal”, insulto usado contra si pelo paladino da modernização decorrente do consumo de alimentos importados da Europa. Com isso, Rodrigo remete o amigo à condição de incivilizado:

- Que é isso? – perguntou, depois de arrancar a tampa.
 - Conservas, animal, não estás vendo?
 - Pra quê?
 - Pra que haviam de ser? Pra comer, homem. Vai tirando isso pra fora.
- Chiru obedeceu. Começou por uma dúzia de pequenas latas ovais, com o letreiro escrito em língua estrangeira.

48 O *Continente* vol. II: 348.

- Que droga é esta?
- Caviar. Papa mui fina, come-se com pão. Regado com champanha fica uma delícia.

Chiru retirou do caixão e amontoou no soalho dúzias de latas de salsicha de Viena, de atum, de sardinhas portuguesas, de patê de *foie gras*, de *maquereau*, de azeitonas espanholas; caixas de passas de uva de Málaga e de frutas cristalizadas; potes de mostarda, vidros de pickles e molho inglês.⁴⁹

No trecho abaixo destacado, a cozinheira Laurinda não só se mostra perplexa pelo novo e exótico alimento que estava conhecendo, o caviar, como com a disposição de Rodrigo em mostrar, ele próprio, como deveria servi-lo. Chega mesmo a dizer que ele “virou mulher”, pois, na época retratada, não era papel dos homens os trabalhos domésticos e da cozinha. A reação tanto da tia como da cozinheira ao conhecerem o novo alimento é de completa rejeição, na medida em que é algo muito estranho ao que estão habituadas a comer. Ou seja, não existe a identificação do alimento como sendo comida:

Laurinda olhava com uma expressão de perplexidade para Rodrigo, que, parado junto da mesa da cozinha, barrava de caviar pequenos quadrados de pão que ele mesmo acabara de cortar com todo o cuidado.

- Parece mentira! – exclamou a mulata, olhando para Maria Valéria – O Rodrigo virou mulher.
- Prove, titia!
- Não quero. Isso é capaz de me arruinar o estômago.
- Prova tu, então, Laurinda.
- Credo! Essa porqueira até parece chumbo miúdo.⁵⁰

Recorremos a outro trecho para revelar como na narrativa se evidencia a relação entre os diferentes tipos de comida e sua representação simbólica: de um lado, “as brutalidades substanciosas da cozinha campeira”, representada por comidas mais substanciosas, com gordura, carne e vísceras

49 *O Retrato* vol. I: 207, 208.

50 *O Retrato* vol. II: 292.

em abundância; do outro, as “delicadezas civilizadas da cozinha francesa”. O texto marca de forma inequívoca a diferenciação entre o que seria comida “civilizada”, ou seja, as delicadas comidas francesas, e a “selvajaria” da brutalidade representada pela comida campeira:

Um dia, ao fim dum almoço suculento – iscas de rim grelhadas, feijoadas completas, arroz pastoso com galinha, churrasco gordo de ovelha, tudo isso rematado por um prato fundo cheio até as bordas de leite com grãos de milho verde cozido –, lembrou-se dos banquetes de que fora conviva em Porto Alegre, e cujos menus eram escritos em francês. Sim, ele sabia apreciar tanto as delicadezas civilizadas da cozinha francesa como as brutalidades substanciosas da cozinha campeira do Rio Grande⁵¹.

Os passos acima são particularmente expressivos da importância da alimentação como marcador identitário cultural. A identificação do alimento como “comida” é importante do ponto de vista social e cultural e também do ponto de vista simbólico, podendo toda a substância nutritiva ser considerada alimento, mas nem todo alimento considerado comida. Enquanto um “alimento” representa o que o indivíduo ingere pela necessidade biológica, a “comida” tem o papel de situar identidades, definindo um grupo, uma classe, uma pessoa.⁵² Em suma, comida é cultura, fruto da identidade e um instrumento para sua expressão e comunicação.⁵³

Considerações finais

Estudar alimentação em obras literárias é uma maneira de entender o que e como eram consumidos alimentos e comidas nas obras retratadas, assim pensando o alimento para além da sua função biológica, pensando-o em sua função social e em como as práticas alimentares sustentam a identidade coletiva.

51 *O Retrato* vol. I: 189.

52 Da Matta, apud Lima, Neto e Farias 2015: 511.

53 Montanari 2010.

As práticas alimentares identificadas no romance contribuíram para a construção da sociedade retratada, tendo a criação de animais e o consumo de carne como elemento constitutivo da sua identidade. A carne aparece como um alimento de destaque, um alimento que representava força, assim como os Continentinos se reconheciam como homens fortes e corajosos, sempre dispostos a lutar, pois as dificuldades geográficas, a lida com os animais e as muitas guerras e revoluções contribuíram para o desenvolvimento de uma sociedade com características rústicas e brutalizadas.

Na sequência da modernização e na figura de Doutor Rodrigo, uma personagem com vivências cosmopolitas, vemos a tentativa de introdução de novos tipos de alimentos às pessoas de seu convívio. Alimentos que não são reconhecidos como comida por seus pares, por serem elitizados, caros e muito diferentes do que estavam habituados a consumir. Este contraponto entre a tentativa de introdução destes alimentos não reconhecidos como comida, e que por isso são rejeitados, reafirma a cultura alimentar local como marca identitária da sociedade representada no romance.

Bibliografia

Fontes

Veríssimo, E. (2013), *O Tempo e o Vento – parte I – O Continente*. São Paulo: Companhia das Letras

Veríssimo, E. (2017), *O Tempo e o Vento – parte II – O Retrato*. São Paulo: Companhia das Letras.

Estudos

Barros, G.S., Meneses, J.N.C & Silva, J.A. (2012), *Representações sociais do consumo de carne em Belo Horizonte*, Physis - Revista de Saúde Coletiva 22 (1): 365-383.

Baučėková. S. (2014), *The flavour of murder: food and crime in the novels of Agatha Christie*. Prague Journal of English Studies 3(1): 35-46.

Baumgarten, C.A. (2001), *O novo romance histórico brasileiro: o caso gaúcho*. Letras de hoje 37(2): 75-82.

- Braga, I.D. (2023), “O pouco e o muito à mesa na prosa de Irene Lisboa (1892-1958)”. *Revista de História das Ideias* 41: 165-186.
- Cândido, G. (2020), “Vinho e pão quanto convêm: referentes alimentares na peça quinhentista *Auto das regateiras*”. *E-Letras com vida* 5: 11-25.
- Cascudo, L.C. (2023), *História da alimentação no Brasil*, São Paulo: Editora Global.
- Dias, P.B. (2022), “Pães que não morrem: acerca da promessa da durabilidade do pão na religiosidade popular portuguesa”, in Dias, P.B., Asfora, W., Soares, C. & Grieco, A. (Coords.), *Das culturas da alimentação ao culto dos alimentos, volume II*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 329-348.
- Dória, C.A. (2021), *Formação da culinária brasileira – escritos sobre a cozinha inzoneira*. São Paulo: Editora Fósforo.
- Feliciano, P.O. (2018), “Literatura e construção de uma brasilidade pela culinária (1840-1960)”, *Revista Jangada* 11: 142-155.
- Fischler, C. (1988), “Food, Self and Identity”. *Social Sciences Information* 27(2): 275-292.
- Freitas, L.F.R. & Silveira, R.M.H. (2004), “A figura do gaúcho e a identidade cultural Latino-americana”, *Educação* 27 (2): 263-281.
- Leroy, F & Praet, I. (2015), *Meat traditions. Co-evolution of humans and meat*. Appetite 90: 200-211.
- Lima, R.S, Neto, J.A.F & Farias, R.C.P. (2015), “Alimentação, comida e cultura: o exercício da comensalidade”, *Demetra* 10 (3): 507-522.
- Lukács, G. (2011). *O romance histórico*. São Paulo: Editora Boitempo.
- Marcon, D & Arendt, J. C. (2019), “Regionalidade e identidade em *Um romancista apresenta sua terra*, de Êrico Veríssimo”, *Textura* 21(45): 312-327.
- Milford, A. B., Mouël, C.L., Bordirsky, B.L. & Rolinski, S. (2019), *Drivers of meat consumption*, Appetite 1:141:104313 doi: 10.1016/j.appet.2019.06.005.
- Modesto, M. de L. & Berrini, B. (2014), *Comer e beber em Eça de Queiroz*. Lisboa: Alêtheia Editores.
- Montanari, M. (2008), “Sistemas alimentares e modelos de civilização”, in J.L. Flandrin & M. Montanari, *História da alimentação*. Lisboa: Terramar, 91-101.
- Montanari, M. (2008), “Os camponeses, os guerreiros e os sacerdotes: imagem da sociedade e estilo de alimentação”, in Flandrin, J.L. & Montanari, M. *História da alimentação*. Lisboa: Terramar, 261-278.
- Montanari, M. (2010), *Comida como cultura*. São Paulo: Editora Senac.
- Palla, J.M. (2010), *Trilogia Vicentina: a encenação da comida – símbolos, rituais e tradições no teatro de Gil Vicente*. Publidisa: Universidade Nova de Lisboa.
- Peixinho, A.T. (2016), *Estética alimentar queirosiana; notas gastronômicas na obra de Eça de Queirós*, in: Pinheiro, J. & Soares, C. *Patrimônios Alimentares de Aquém e Além-mar*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 199-218.
- Pesavento, S.J. (2003), *O mundo como texto: leituras da história e da literatura*, História da Educação 4: 31-45.

- Ribeiro, R.A. (2009), *Aspectos dos romances históricos tradicional e pós-moderno*, Scientia FAER 1(1): 74-81.
- Ribeiro, C.S.G & Corção, M. (2013), “O consumo de carne no Brasil: entre valores socioculturais e nutricionais”, *Demetra* 8(3): 425-438.
- Rocha, C.P.V. (2010), *Comida, Identidade e Comunicação: a comida como eixo estruturador de identidades e meio de comunicação*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rocha-carla-comida-identidade-e-comunicacao.pdf>>. Acesso em: 22 de março de 2024.
- Soares, C. (2014), *Pão e vinho sobre a mesa. Um “clássico” da alimentação portuguesa*, in: Soares, C. & Macedo, I.C. (coords.), *Ensaio sobre património alimentar luso-brasileiro*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 17-50.
- Soares, C. (2018), *A Universidade de Coimbra no cardápio da Cozinha Portuguesa de 1902: uma história por contar*, in *BiblioAlimentaria: alimentação, saúde e sociabilidade à mesa no acervo bibliográfico da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 158-169.
- Werlang, G. (2011), *A música na obra de Érico Veríssimo: polifonia, crítica social e humanismo*, Passo Fundo: Livraria e Editora Méritos Ltda.